

Originalidade e dependência de fontes*

Burghard Dedner

III/3	<u>Das Luxemburg.</u>	Gh 118
20	<u>Ein Corridor.</u>	
	Lacroix, <u>Danton</u> , Mercier und andere Gefangne <u>auf und ab gehend.</u>	
423	<u>Lacroix</u> (zu einem <u>Gefangnen</u> .)	UZ S V 63 f., T 214, (T 212)
	<u>Wie, so viel Unglückliche</u> , und in einem so <u>elenden Zustande?</u>	
424	Der <u>Gefangne</u> . <u>Haben Ihnen</u> die Guillotinenkarren <u>nie gesagt</u> ,	(T 214)
25	<u>daß Paris eine Schlachtbank sey?</u>	
425	<u>Mercier</u> . Nicht wahr, <u>Lacroix?</u> <u>Die Gleichheit schwingt ihre Sichel</u>	(Mon 1063, UZ VI 424) ¹
	<u>über allen Häuptern</u> , die Lava der Revolution fließt, <u>die Guillotine</u>	UZ XII 19
	<u>republicanisirt!</u> Da <u>klatschen die Gallerien</u> und die Römer reiben sich	((UZ IV 427)) ²
	die Hände, aber sie hören nicht, daß jedes <u>dieser Worte</u> das <u>Röcheln eines</u>	(Me I XXII f., VI 139); T 214
30	<u>Opfers</u> ist. Geht einmal Euren <u>Phrasen</u> nach, bis zu dem Punkt wo sie verkörpert werden.	
	Blickt um Euch, das Alles habt Ihr gesprochen, es ist eine mimische Uebersetzung Eurer <u>Worte</u> . Dieße Elenden, [die] ihre Henker und die	
	¹ (UZ IX 11)	
	² (UZ VIII 119 f., IX 173, 305, XII 216)	

Um preconceito ingênuo faz-nos assumir que grandeza pode ser correspondente a originalidade e que o gênio literário tem à sua disposição poderes extraordinários de criação ou – como nós, pessoas de uma época tecnológica, talvez preferamos designá-los – de invenção. O especialista sóbrio, por outro lado, faria notar que o sentido original do verbo "inventar", o latim *invenio* é "encontrar por acaso" ou "encontrar por pesquisa sistemática", enquanto a noção de novidade, de acrescentar algo completamente novo ao domínio da realidade que associamos com aquele termo, está entre os significados mais distantes. O especialista também poderia assinalar que grandes escritores tomaram frequentemente empréstimos de outros escritores. Muito de um dos primeiros e bem sucedidos dramas de Goethe, *Goetz von Berlichingen*, consiste em empréstimos de fontes históricas e – para dar um exemplo mais recente – muitos pormenores nos mais famosos romances de Thomas Mann dependem bastante de fontes. Georg Büchner, cujas obras estamos correntemente a editar, não constitui excepção a esta regra. Os seus textos são, de facto, dependentes de fontes a um ponto tal que até as edições de divulgação mais populares apresentam pelo menos alguns excertos das fontes para o drama *Woyzeck*.

Ao prepararmos a nossa edição pesquisámos exaustivamente as diferentes fontes que Büchner deve ter usado e desenvolvemos técnicas para editar tanto os textos do escritor como as suas fontes de maneira a tornar imediatamente transparente o uso das fontes. Tentámos também distinguir várias categorias de dependência de fontes para tornar os nossos procedimentos perceptíveis e para ajudar outros investigadores a extrair interpretações das nossas descobertas. No presente ensaio tocarei brevemente nestes três aspectos, dando exemplos a partir das várias obras do autor. Todas as referências que a seguir serão feitas, dizem respeito à edição histórico-crítica das obras completas e escritos de Georg Büchner, com documentação de fontes e comentário (2000-2005).

Pesquisa e categorização de fontes

A suspeita de dependência de fontes manifesta-se quando dois textos são coincidentes num número significativo de palavras ou expressões. Como procedimento empírico, dissemos aos nossos estudantes que três palavras raras aparecendo na mesma sequência em dois textos era o requisito mínimo para estabelecer a dependência de uma fonte. Em *Ricardo III* de Shakespeare a rainha queixa-se

Burghard Dedner
é professor na Philipps
Universität Marburg
(Forschungsstelle
Georg Büchner), na
Alemanha.

H4,1	<p>Freies Feld. Die <u>Stadt</u> in der Ferne. Woyzeck und Andres <u>s</u>chneiden <u>Stöcke</u> im Gebüsch.</p>	<p>CI 47 (Bo 50)</p>
5	<p>Woyzeck. Ja Andres; <u>den Streif</u> da über das Gras hin, da rollt <u>Abends</u> der Kopf, es <u>hob ihn einmal</u> einer <u>auf</u>, er meint es wär' ein Igel. <u>Drei</u> Tag und <u>drei</u> Näch und er lag auf den <u>Hobelspänen</u> (leise) Andres, <u>das</u> waren <u>die Freimaurer</u>, ich hab's, <u>die Freimaurer</u>, still!</p>	<p>CI 47; CI 18 f. CI 44-47 CI 18, 19, 60, 61 u 6</p>
	Andres (singt) (...)	
	Woyzeck. Still! <u>Es geht was!</u> [<u>Hohl da unten</u> , Alles <u>hohl</u> .]	<p>CI 27; CI 51, 18, 46, 62; CI 47</p>
10	Andres (...)	
	Woyzeck. <u>Es geht hinter mir</u> , <u>unter mir</u> (stampft <u>auf den Boden</u>) <u>hohl</u> , <u>hörst</u> du? Alles <u>hohl da unten</u> . <u>Die Freimaurer!</u>	<p>(CI 46) CI 18, 19 u 6</p>
	Andres. Ich fürcht mich.	
	Woyzeck. S'ist so kurios still. Man möcht' den Athem halten.	
15	Andres!	
	Andres. Was?	
	Woyzeck. Red was! (<u>starrt</u> in die Gegend.) Andres! Wie hell! <u>Ein</u> <u>Feuer fährt um den Himmel</u> und ein <u>Getös</u> herunter wie Posaunen. Wie's heraufzieht! Fort. Sieh nicht hinter dich (reißt ihn in's Gebüsch)	<p>(Ho 312, 318, 332 f., CI 24); CI 47, (44, 63) CI 64, (19)</p>
20	Andres (nach einer Pause) Woyzeck! <u>hörst</u> du's noch?	
	Woyzeck, Still, Alles still, als wär die Welt todt.	
	Andres. Hörst du? Sie trommeln drin. Wir müssen fort.	

de passar noites em branco e afirma: "*For neuer yet one howre in his Bed / Did I enioy the golden dew of sleep*" (IV/1) ["Pois nem uma só hora na sua cama / Gozei do dourado frescor do sono"], o que em alemão dá: "(...) *Genoß ich noch den goldnen Thau des Schlafs*". Quando Danton, enquanto olha para o seu amigo Camille Desmoulins a dormir, diz: "*Ich will den goldnen Thau des Schlafes ihm nicht von den Augen streifen*" (*A morte de Danton* IV/3), ele está obviamente a usar o simile de Shakespeare.

A experiência ensinou-nos a ser cautelosos e a fazer uma segunda verificação nas coincidências que encontrámos. Podemos, por exemplo, ter a certeza de que a expressão "*the golden dew of sleep*" não teve alguma espécie de circulação proverbial no tempo de Büchner? Para excluir esta possibilidade, temos de percorrer colecções impressas e electrónicas de textos para nos certificarmos de que tal expressão não ocorre. Se a encontramos apenas em Shakespeare, consideramo-la uma fonte provável; se a encontramos noutros textos, o passo de Shakespeare deixa de ser considerado fonte e passa à condição de "texto de referência". Às vezes é difícil distinguir entre as situações.

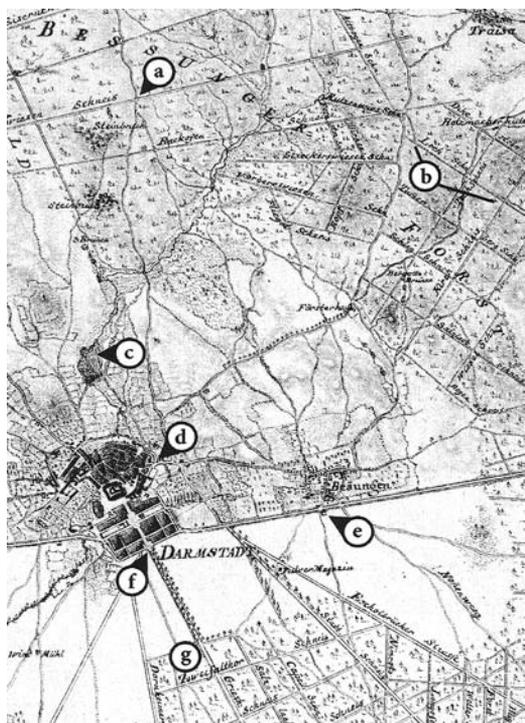
Büchner recorria nos seus textos a um grande número de canções do folclore, a maior parte das quais não foi publicada senão depois da sua morte. Estas versões impressas tardias são, claro, simples "textos de referência". As versões impressas anteriores ao seu falecimento podem ser ou fontes a que Büchner foi buscar as canções ou, de novo, textos de referência nos casos em que ele ouvira e registara uma versão oral sem ter conhecimento da colecção publicada.

Como podemos, então, diferenciar "textos de referência" de "fontes"? A análise de variantes textuais pode ser útil; a determinação do acesso ou, no mínimo, da acessibilidade de uma fonte possível pode dar uma ajuda suplementar. Relatos históricos – maioritariamente por parte de amigos e da família de Büchner – informam-

nos de que Büchner tinha acesso à obra de Shakespeare, que conhecia, por meio da tradução alemã mais divulgada de Schlegel e Tieck. Uma verificação semelhante é possível para um conjunto de fontes históricas que Büchner usou n'*A morte de Danton* ou em *Woyzeck*. Quando era aluno da escola secundária, Büchner leu e estudou por uma colecção popular de história contemporânea que se encontrava na biblioteca da família; e quando começou a pesquisar para *A morte de Danton* consultou uma série de livros na biblioteca ducal na sua Darmstadt natal.

Se por esta via podemos provar que houve acesso factual falamos de "fontes documentadas". Quando o acesso real é incerto e só a acessibilidade pode ser provada, falamos de "fontes incertas". Isto aplica-se a uma série de possíveis fontes históricas d'*A morte de Danton*. Não dispomos de nenhum documento que ateste que Büchner as leu de facto; no entanto as correspondências textuais são tão amplas e tão precisas em pormenor que só podem ser explicadas pelo processo de leitura e de cópia. O mesmo é verdade para as fontes históricas mais importantes de *Woyzeck*. A primeira – descoberta muito recentemente – é o relatório da acusação de um caso de assassinio cometido em Darmstadt em 1816; a segunda, e mais notável, é a extensa análise clínica da condição mental de Johann Christian Woyzeck, que matou uma mulher em 1821 e foi executado três anos mais tarde depois de o perito médico ter determinado a sua sanidade mental. Em ambos os casos não conseguimos documentar que tenha havido acesso; a acessibilidade, por outro lado, pode facilmente ser demonstrada. Portanto, consideramos estes relatórios "fontes incertas".

Por razões, que adiante explicaremos, também agrupamos as fontes de acordo com as suas matérias e assim distinguimos entre fontes históricas, literárias e de outros tipos. As fontes históricas (incluindo os relatórios biográficos e psiquiátricos) têm importância ao mesmo tempo estrutural e verbal n'*A morte de Danton*, em *Woyzeck*, e até a comédia *Leônicio* e *Lena* recorre a um



>
 Woyzeck,
 de Georg Büchner,
 enc. José Cayolla,
 TEP - Teatro Experimental
 do Porto, 1974
 (Diamantino Silvestre
 e Estrela Novais),
 [cortesia do TEP].

relatório acerca das cerimônias de um casamento dinástico celebrado em 1833. O segundo grupo é constituído pelas fontes literárias. Através da nossa pesquisa podemos mais ou menos confirmar testemunhos de contemporâneos de Büchner e concluir que o jovem escritor era um admirador e leitor compulsivo de Shakespeare, do jovem Goethe, de Jean Paul e das figuras cimeiras do Romantismo alemão. Por outros testemunhos sabemos que ele leu Jacob Lenz e – de entre os seus contemporâneos – Heine e Alfred de Musset. Como qualquer pessoa que cresceu na parte luterana da Alemanha, tinha um bom conhecimento do Antigo e do Novo Testamento.

Um terceiro grupo de fontes inclui elementos tomados da cultura popular. Além das canções de folclore que já mencionei, devem ser incluídos nesta categoria os provérbios. Alguns deles contêm alusões sexuais e, portanto, é quase impossível encontrá-los em coletâneas publicadas de textos. E, por fim, há uma série grande de elementos retirados de fontes filosóficas, científicas, médicas e psiquiátricas.

Para rematar este rápido apanhado, há duas distinções suplementares a fazer. Tentámos estabelecer em que medida a dependência da fonte tem a ver com um achado casual ou com o resultado de pesquisa, por um lado; e, por outro, se a fonte foi copiada ou registada de memória. Esta distinção tende a coincidir com a diferença entre fontes históricas e não-históricas, fazendo luz sobre os processos de produção do texto e determinando os nossos métodos de edição.

Os empréstimos de Büchner de fontes históricas são muito provavelmente o resultado de pesquisa sistemática e da cópia de excertos e até de passos extensos destes textos. Este é claramente o caso da fase preparatória de *A morte de Danton*. Quanto ao relatório psiquiátrico acerca de *Woyzeck*, pode assumir-se que Büchner leu primeiro este relatório quando frequentava a escola secundária e que o releu cuidadosamente e mesmo repetidamente quando estava a preparar o rascunho do drama.

A maior parte dos empréstimos de fontes literárias,

por outro lado, são muito provavelmente citações de memória. Não devemos, contudo, excluir a possibilidade de que, enquanto estava a escrever *A morte de Danton*, Büchner terá relido cenas de Shakespeare ou de Goethe de modo a refrescar a sua memória acerca do modo como estes escritores usaram elementos ou técnicas de cena. De maneira semelhante, em *Leôncio e Lena*, o recurso a elementos provenientes de Brentano e de Musset é tão amplo que parece tratar-se mais do resultado de uma leitura sistemática do que de um encontro accidental. Outros empréstimos de fontes, no entanto, provêm muito plausivelmente de achados accidentais. Isto revela-se especialmente evidente em relação aos traços de linguagem plebeia em *Woyzeck*, alguns dos quais Büchner lançou nas margens dos seus manuscritos com o fito de os integrar mais tarde.

Procedimentos editoriais: destacar os elementos dependentes de fontes

O editor pode apresentar o resultado da sua pesquisa de três modos: a) pode escrever um texto discursivo, por exemplo um relatório editorial; b) pode servir-se de um aparato especial, i.e. um comentário lematizado; c) pode destacar elementos textuais. Cada um destes três procedimentos tem vantagens e desvantagens e usamo-los todos na nossa edição. Regra geral, empréstimos de fontes literárias, bíblicas ou filosóficas – maioritariamente registadas de memória – são relegados para o comentário lematizado. As dependências de fontes históricas e de outras de importância estrutural são destacadas numa secção especial de apresentação do texto que designamos "texto orientado para a fonte". Atenção suplementar é concedida à documentação destas fontes.

Uma vez que as técnicas de redacção de um relatório editorial ou de um comentário lematizado são bem conhecidas, não é necessário apresentá-las aqui. Em contrapartida, as técnicas de destaque de elementos textuais constituem, segundo os nossos críticos, um

>
 Woyzeck,
 de Georg Büchner,
 enc. Cristina Reis,
 Jorge Silva Melo
 e Luís Miguel Cintra,
 Teatro da Cornucópia,
 1978 (Virgílio Castelo,
 Rogério Vieira,
 José Bartolomeu,
 Raquel Maria, Luís Lucas,
 Jorge Nascimento,
 Gilberto Gonçalves,
 Luís Polido,
 Margarida de Rosa
 Rodrigues,
 Luís Lima Barreto,
 Maria Emilia Correia,
 Luís Miguel Cintra
 e Sónia Gonçalves),
 fot. Paulo Cintra Gomes.



aspecto inovador da nossa edição. Portanto, descrevê-las-ei com algum pormenor.

É difícil dispor tipograficamente os nossos sinais de destaque, mas é fácil decifrá-los.

1. Quando um elemento textual proveniente de uma fonte estabelecida é reproduzido *verbatim* ou – para ser mais preciso – literalmente no texto de Büchner, apresentamo-lo a negrito. Se tomarmos, por exemplo, as formas principais do verbo “encontrar” – “finden, fand, gefunden” –, marcamos como idênticas, se necessário, apenas aquelas letras caso a fonte contivesse a forma do passado “fand”.

2. Uma fonte específica é indicada por uma forma específica de sublinhado (por exemplo, Mercier; Thiers; Nodier). Assim, podemos assinalar que uma palavra ou expressão particular pode ser encontrada em várias fontes, um fenómeno que ocorre frequentemente n’*A morte de Danton*.

3. Uma linha contínua indica que uma sequência de palavras aparece exactamente na mesma ordem e sem interrupção na fonte e no texto.

4. Quando apresentamos uma palavra impressa normalmente e a sublinhamos, isso indica identidade de significado, mas não nas palavras que o configuram.

5. Estamos interessados no processo genético da escrita e por isso incluímos variantes genéticas dependentes de fontes na nossa apresentação.

6. Na margem damos informação suplementar acerca do lugar exacto onde os dados pertinentes podem ser encontrados na documentação sobre a fonte.

7. Na documentação sobre a fonte apresentamos os elementos emprestados integrados no contexto e seguimos os mesmos procedimentos de destaque.

Cada volume na nossa edição dos textos literários, científicos e filosóficos de Büchner contém um “texto orientado para as fontes” e uma secção com a documentação das fontes. Esperamos que esta forma especial de apresentação do texto permita leituras que de

outro modo seriam impossíveis. Tocarei brevemente em dois campos do saber que tiram proveito de uma apresentação como esta.

Destaque da dependência das fontes como um instrumento de crítica genética

As cores num mapa geográfico permitem-nos distinguir de uma assentada os vales das montanhas. O nosso texto dependente das fontes assemelha-se a um mapa destes na medida em que nos permite distinguir – também de uma assentada – a) partes dependentes e independentes de fontes; e b) as diferentes fontes a que Büchner foi buscar elementos para os incorporar no seu próprio texto. Darei dois exemplos dos benefícios que podemos extrair por termos estas distinções mapeadas à nossa frente de um modo organizado e transparente.

Woyzeck: Büchner escreveu três diferentes rascunhos. O primeiro fornece a trama básica da história: o jovem amante, o soldado, e a sua namorada divertem-se numa feira; a rapariga sente-se atraída por outro soldado, de escalão ligeiramente superior. O primeiro, ciumento, vê a rapariga a dançar com o rival, abatendo-se sobre ele uma raiva psicótica que o leva a matá-la. Depois do assassinio, vai a um baile de aldeia e, como último elemento do enredo, lava as suas roupas num lago próximo. No segundo rascunho Büchner acrescentou algumas cenas novas ao princípio do drama, e durante a última fase da redacção empenhou-se sobretudo em polir cenas tiradas dos dois rascunhos parando no ponto em que o soldado está para matar a namorada.

No primeiro rascunho recorreu a duas fontes: ao relatório psiquiátrico, que defendia estar Woyzeck são de espírito quando cometeu o crime, e ao relatório da acusação num caso ocorrido em Darmstadt em 1816 no qual Johann Schneider, um marinheiro viajante, matou o seu credor em circunstâncias que em certos pormenores são bastante semelhantes às da peça de Büchner. Nesta fase as duas fontes tinham um peso aproximado. Uma diferença



importante deve, contudo, ser registada: aparentemente Büchner tinha acesso ao relatório sobre *Woyzeck* mas não aos materiais acerca de Schneider. Estes são citados de memória, restringindo-se o autor a recorrer a eles para tirar elementos que utiliza no enredo. O peso igual que as duas fontes têm nesta fase ajuda a explicar por que o assassino ainda não é chamado *Woyzeck*.

No segundo rascunho, assim como no rascunho final, os empréstimos do relatório sobre *Woyzeck* aumentam em número e em importância. Büchner muda agora o nome do herói e converte o que fora uma peça ficcional acerca de um homem chamado Louis num drama histórico sobre *Woyzeck*. A partir deste ponto, a segunda fonte perde importância, embora ainda lance alguma luz sobre as cenas finais da peça. Enquanto o primeiro editor assumira que *Woyzeck* se afoga num lago – a ópera de Alban Berg segue esta leitura do texto –, está agora mais claro do que nunca que na cena final *Woyzeck* vai ao lago simplesmente para lavar as suas roupas.

É, portanto, através da descoberta de fontes e do estabelecimento de uma sistema que lhes confere destaque no texto que podem ser desenvolvidas novas teorias sobre o desenvolvimento genético das obras de Büchner.

Destaque das dependências de fontes como instrumento para a interpretação

Na segunda cena de *Woyzeck* o herói conta a Marie uma das suas fantasias, a qual neste caso é inspirada pela história de Sodoma: "Não é verdade que está escrito – 'e apareceu fumo vindo da terra como se saísse de um forno?'" (Scheidl 2002: 38, N. do T.). Assisti uma vez a uma produção da ópera homónima em que *Woyzeck* lê este passo num livro. O produtor tinha obviamente reparado nos sinais de citação, mas ajuizou mal sobre a origem da citação. Como na Alemanha protestante do século XIX a tradução que Lutero fez da Bíblia era mais conhecida do que qualquer outro texto, podemos estar seguros de que Büchner tencionava que os seus leitores reconhecessem

todas as citações e alusões bíblicas e qualquer leitor contemporâneo que desconheça as Escrituras não compreenderá o texto.

Não se passa necessariamente o mesmo no caso dos empréstimos do *Fausto* de Goethe. Uma vez mais no *Woyzeck* Büchner modela uma sequência dramática a partir da cena no *Fausto* em que Margarethe descobre as jóias que Mefisto tinha escondido no seu armário. Depois de ter tomado de empréstimo vários elementos de Goethe, escreve: "S'ist gewiß Gold! [Wie wird mir's beym Tanz stehn?]", palavras que ecoam as de Goethe: "Wie sollte mir die Kette stehn?" ["A gargantilha, que tal me ficaria?", Goethe 1999: 161. N. do T.]. Isto seria demasiado próximo e Büchner eliminou a frase. Por certo que Büchner não "citou" Goethe e muito provavelmente nem queria chamar a atenção dos seus leitores para o facto de que estava a recorrer a Goethe. No entanto, a comparação entre as duas cenas enriquece, claro, o nosso entendimento delas.

Se usarmos a diferença entre "inspiração" e "citação" como critério orientador, que pensar do uso que Büchner faz de fontes históricas? Quando começou a escrever o *Woyzeck*, chamou ao seu herói "Louis". Aparentemente pretendia escrever uma peça sobre pessoas fictícias, e o número limitado de empréstimos de fontes foi obviamente um conjunto de "inspirações" e não "citações". Quando no segundo rascunho chamou ao herói "*Woyzeck*", deve ter querido que os seus leitores reconhecessem o nome. A fonte de Büchner, a perícia psiquiátrica sobre o estado psicológico do assassino *Woyzeck*, foi publicada em 1824 e 1825 e desencadeou um debate acalorado e longo acerca dos sinais verdadeiros ou deceptivos de sanidade e acerca dos méritos ou males associados à pena capital. Como este debate entrou bem na década de 1830, temos de assumir que Büchner queria que a sua peça fosse entendida como uma contribuição para estas discussões de carácter geral. Quando *Woyzeck* foi finalmente publicado na década de 1870, o debate já tinha caído no esquecimento e o enredo converteu-se, portanto, de "histórico" em "ficcional".

<

Woyzeck,
de Georg Büchner,
enc. Cristina Reis,
Jorge Silva Melo
e Luís Miguel Cintra,
Teatro da Cornucópia,
1978 (Luís Miguel Cintra
e Luís Lucas),
fot. Paulo Cintra Gomes.

>>

Woyzeck,
de Georg Büchner,
enc. Mário Barradas,
CENDREV, 1992
(< Álvaro Corte Real,
Ana Meira,
António Plácido,
Gil Salgueiro Nave,
Henrique Caldeira,
Isabel Bilou, João Azevedo,
João Sérgio Palma,
Jorge Baíão,
José Carlos Faria,
José Caldeira, José Russo,
Maria João Toscano,
Maria Olinda Rosmaninho,
Mário Barradas,
Rosário Gonzaga,
Rui Nuno, Vicente de Sá,
Victor Amaral,
Victor Torres
e Victor Zambujo,
Domingos Coruche,
João Vaz, Paulo Aranha,
José Manuel Martins,
Margarida Estevinho,
Dulce Vermelho,
Carlos Oliveira
e Victor Fialho,
Paula Alexandra da
Conceição
e Sandra da Conceição;
> Rosário Gonzaga
e José Russo),
fot. Álvaro Corte Real.

>
Woyzeck,
de Georg Büchner,
enc. Nuno Cardoso,
TNSJ – Teatro Nacional
S. João, 2005
(Tónan Quito),
fot. João Tuna / TNSJ.



Quando em 1914 a perícia médica foi redescoberta, alguns dos significados originais "históricos" da peça puderam ser recuperados. O reconhecimento das fontes é, neste caso, essencial para o entendimento da peça.

Não estou seguro sobre como Büchner reagiria à extensa documentação das fontes na nossa edição de *Danton*. O seu colega Karl Gutzkow disse-lhe que a peça merecera menos atenção do que devia porque Büchner

"não tinha sido injusto para a história: porque alguns dos conhecidos *bons mots* entraram na peça e eram falados pelas personagens como se fossem a tua [do autor] própria invenção". Quando as pessoas se aperceberam destes empréstimos, continua Gutzkow, reagiram como se todo o drama não fosse mais do que "um capítulo dramatizado" da *História da revolução* de Adolphe Thiers. A descoberta da dependência de fontes – teremos de concluir – resultou



<
Woyzeck,
 de Georg Büchner,
 enc. Nuno Cardoso,
 TNSJ – Teatro Nacional S.
 João, 2005
 (Antonio Fonseca,
 Hugo Torres
 e Tónan Quito),
 fot. João Tuna / TNSJ.

em subqualificação da peça. Será que Büchner previra esta reacção? É certo que ele não fez nada para esconder o que quer que fosse e, pelo contrário, o uso de Adolphe Thiers como fonte importante equivalia a convidar o público a confirmar as suas "citações".

Mesmo neste caso, contudo, podemos argumentar que o reconhecimento de dependência de fontes pode ser essencial para o entendimento. A própria linguagem que uma pessoa usa ou usou no passado pode ser voltada contra ela própria como forma de denúncia ou de desmascaramento. N'A *morte de Danton* a personagem dramática Mercier perspectiva a linguagem deste modo. Preso numa cela juntamente com os recém-encarcerados líderes da Revolução, Mercier chama a atenção deles para a desgraça dos prisioneiros que já lá estavam há muito tempo e começa a citar *slogans* dos seus discursos públicos: "A igualdade volteia a foice sobre todas as nossas cabeças, a lava da Revolução continua a escorrer, a guilhotina cria a república". A desgraça nas prisões, continua, "estes infelizes, os seus algozes são a corporização dos vossos discursos"; eles assinalam o ponto em que a retórica "se torna realidade".

N'A *morte de Danton*, Büchner escrutinou por certo a realidade das revoluções modernas. Também deve ter sentido a necessidade de escrutinar a linguagem dos revolucionários e de expor as falácias de uma retórica eficiente mas mortífera. Pode, por isso, ter sentido necessidade de reproduzir esta linguagem sem fazer mudanças indevidas e o leitor de hoje deve aperceber-se de que está a ser confrontado com frases históricas, não com uma linguagem inventada pelo autor.

Não estou seguro de que todas estas sugestões sejam válidas e, em geral, no que se refere à parte da nossa edição relativa à dependência de fontes, tenho mais perguntas do que respostas. Tanto quanto as partes da edição orientadas para a crítica genética, as partes relativas às fontes foram concebidas para um espectro específico de leitores e estudiosos e para abrir linhas de pesquisa e interpretação através da apresentação de materiais externos

de modo a facilitar estudos aprofundados do texto. As obras de Büchner são notoriamente dependentes de fontes e portanto apropriadas para projectos piloto tanto de carácter editorial como de carácter interpretativo. As partes nodais das técnicas editoriais, a terminologia e a linha de pesquisa que desenvolvemos no decurso da edição devem, contudo, ser transferíveis para outros autores e outras tradições literárias.

Tradução de João Dionísio

Referências bibliográficas

- BÜCHNER, Georg (2000-2005), *Sämtliche Werke und Schriften: historisch-kritische Ausgabe mit Quellendokumentation und Kommentar*, Org. Burghard Dedner e Thomas Michael Mayer, Darmstadt, Marburger Ausgabe: vol. III, *Danton's Tod* (4 vols.), ed. B. Dedner e Th. M. Mayer, col. Eva-Maria Vering e Werner Weiland, 2000; vol. V, *Lenz*, ed. B. Dedner e Hubert Gersch, col. Eva-Maria Vering e Werner Weiland, 2001; vol. VI, *Leonce und Lena*, ed. B. Dedner com a colaboração de Arnd Beise e Eva-Maria-Vering, texto fixado por B. Dedner e Th. M. Mayer, 2003; vol. VII, *Woyzeck* (2 vols.), ed. B. Dedner com a colaboração de Arnd Beise, Per Röcken, Ingrid Rehme, Eva-Maria-Vering e Manfred Wenzel, texto fixado por B. Dedner e Gerald Funk, 2005.
- GOETHE, Johann W. (1999), *Fausto*, trad., introd. e glossário de João Barrento, Lisboa, Relógio d'Água Editores.
- SCHIEDL, Ludwig Scheidl (2002), *A transmissão e fixação do texto Woyzeck de Georg Büchner*, Lisboa, Edições Colibri – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

* Este texto é a versão abreviada da conferência apresentada a 12 de Maio de 2006 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito da jornada *A edição de teatro*, uma iniciativa do Instituto de Cultura Espanhola (Departamento de Literaturas Românicas), do Departamento de Estudos Germanísticos e do Centro de Estudos de Teatro, com organização de João Dionísio e o apoio do Goethe-Institut e do Instituto Cervantes.